

ECONOMIA POLÍTICA E TECNOLOGIA NA DISPUTA INFORMACIONAL: usos sociais da informação no contexto da colonialidade e da mineração em Minas Gerais¹

Samuel Ayobami AKINRULI²; Luana Carla Martins Campos AKINRULI³

¹ GT7 – Estudos Críticos em Ciência da Informação

² Universidade Federal de Minas Gerais; Instituto de Inovação Social e Diversidade Cultural, ayobami@insod.org.

³ Universidade Federal de Minas Gerais, luanacamposakinruli@eci.ufmg.br.

RESUMO

Esta comunicação parte da premissa de que a informação, no capitalismo contemporâneo, deixou de ser mero recurso técnico para se tornar infraestrutura estratégica das relações econômicas, culturais e políticas. No campo da Economia da Informação e da Cultura, compreender seu uso social implica analisar de que forma a força produtiva e o capital simbólico se tornam instrumentos de consolidação de uma certa hegemonia informacional. E tais discussões se aplicam nos contextos de rompimentos de barragens em Minas Gerais, notoriamente a Barragem do Fundão (Mariana/MG, 2015) e a Barragem do Córrego do Feijão (Brumadinho/MG, 2019), de modo a refletir como a luta social se desloca e atravessa o plano informacional. Isto, porque comunidades atingidas disputam narrativas e produzem contrainformação, enquanto corporações mobilizam *expertise* técnica e capital simbólico para sustentar sua legitimidade.

Metodologicamente, propõe-se integrar a análise crítica à modelagem empírica com o uso de bases de dados públicos, aplicando as linguagens computacionais Python e R, juntamente dos modelos econométricos em painel e técnicas de *clustering* para investigar a relação entre dependência mineral, desenvolvimento humano e vulnerabilidade socioambiental. Isto é feito pela integração de dados públicos acessados de bases como CFEM/ANM, IBGE, STN, PNUD, DATASUS e SNISB.

A perspectiva dos Estudos Críticos em Ciência da Informação (Frohmann, 1995; Capurro, 2003), juntamente com as contribuições da crítica da Economia Política de viés marxista (Marx, 2013), concedem aportes teóricos para destacar que a informação não é neutra: ela é produzida e legitimada em regimes institucionais específicos. E, no setor minerário, relatórios de impacto ambiental, laudos técnicos e indicadores fiscais não apenas descrevem a realidade, como a selecionam, recortam, classificam e a organizam. Constituem-se, portanto, como dispositivos de poder que moldam decisões regulatórias e consolidam narrativas de (sub)desenvolvimento.

Neste sentido, Gramsci (2000) contribui para explicar como os discursos de desenvolvimento, de geração de emprego e de sustentabilidade constroem consenso social em torno do extrativismo, mesmo em amplo contexto de conflitos socioambientais. Após os rompimentos das barragens em Mariana (2015) e Brumadinho (2019), deram-se rupturas momentâneas nesse consenso impulsionadas pela circulação de imagens e investigações independentes. Contudo, a recomposição narrativa empresarial evidencia a resiliência da hegemonia extrativista e demonstra os usos bastante estratégicos dos sistemas informacionais.

Sob a lente marxista, o conhecimento técnico integra as forças produtivas do capital (Marx, 2013), o que explica que no chamado capitalismo informacional descrito por Fuchs (2014), dados, algoritmos e sistemas digitais se tornam centrais à acumulação de capital. Em Minas Gerais, informações geológicas operam como ativos estratégicos; modelos preditivos reduzem custos; sistemas automatizados ampliam controle territorial. A informação se converte simultaneamente em mercadoria e tecnologia de governança e dominação.

Byung-Chul Han (2017; 2018) argumenta que vivemos uma sociedade da transparência e da vigilância, na qual dados circulam sob a lógica de desempenho e do controle. Sob esta perspectiva, afirma-se que a mineração contemporânea combina a racionalidade extrativista ao monitoramento digital, de modo a produzir uma assimetria estrutural entre corporações e comunidades atingidas. Ademais, a crítica de Quijano (2005) à colonialidade do poder especifica a dimensão histórica dessa dinâmica, uma vez que a mineração brasileira se insere em longa tradição colonial de exploração dos territórios periféricos. Nesse contexto, saberes técnico-científicos tendem a silenciar epistemologias outras que já evidenciavam, desde muito tempo, tais contradições na relação natureza-cultura. Ailton Krenak (2019), Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), além de Nego Bispo (2023), oferecem contrapontos fundamentais: Krenak questiona a ideia moderna de progresso; Kopenawa denuncia a devastação cosmológica causada pelo extrativismo; Nego Bispo propõe pensar a partir da confluência entre territórios e saberes. A disputa informacional revela-se, assim, também no território da cosmopolítica, posto que a informação, quando orientada pela crítica epistemológica e pela pluralidade de saberes, pode atuar como instrumento contra hegemônico, de forma a reconfigurar o debate sobre desenvolvimento e justiça territorial em Minas Gerais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: UNESP, 2004.
- CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 8, n. 1, 2003.
- FROHMANN, Bernd. Taking information policy beyond information science. **Information Processing & Management**, v. 31, n. 6, p. 19-28, 1995.
- FUCHS, Christian. **Digital labour and Karl Marx**. New York: Routledge, 2014.
- GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MARX, Karl. Capital: a Critique of Political Economy. The process of production of capital. In: MARX, Karl; ENGELS, Frederick. **Collected Works – Capital**. V. I. Book. I. Londres: Lawrence & Wishart, 2010.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MIROWSKI, Philip. **Science-mart: privatizing American science**. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgard (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, p. 117-142, 2005.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.